

# LITERATURA

Professoras: Maria Clara,  
Thalyta e Lays



# ROMANTISMO

## *Contexto histórico*

- O Romantismo é fruto da cultura alemã e inglesa: **a Alemanha, com a história, e a Inglaterra, com a economia, são os pilares do movimento romântico.**
- Ele se apresenta como um **movimento moderno**, em oposição ao clássico, **entre o final do século XVII e a metade do século XIX.**
- O homem romântico experimenta duas culturas em choque, que coexistem e geram dilemas no ser humano: **o retrocesso e o avanço.**

# ROMANTISMO

## *Contexto histórico*

- **Retrocesso (cultura da nostalgia)**: está ligada ao olhar para trás e **desejar o passado de maneira idealizada**, causando um desejo sentimental de **regresso e apego ao passado**. Exemplo: a ideia de viver em comunhão com a natureza.
- **Avanço**: O mundo está em movimento e há uma **necessidade de superar a cultura da aristocracia para entrar na nova ordem social capitalista** (reflete as transformações sociais e econômicas do período - formação das classes sociais, consolidação do capitalismo e início da industrialização).

# ROMANTISMO

## *Características*

- A nova ordem capitalista cria pessoas (indivíduos) responsáveis por si, pelas suas próprias escolhas e pelo seu destino. É daí que nasce a concepção de **individualismo** no Romantismo.

### **A arte romântica expressa:**

- *Melancolia: saudades dos velhos tempos*
- *Agressividade: espírito competidor*
- *Desequilíbrio: contexto social instável*
- *Insatisfação: o homem está sempre buscando se encontrar, mas não consegue*

# ROMANTISMO

## *Primeira geração*

- **Exaltação da natureza:** exaltação de paisagens típicas brasileiras
- **Indianismo:** o índio foi escolhido como um dos símbolos da nacionalidade brasileira (**Obs.:** A figura do homem nativo substituiu o herói medieval europeu em nossa literatura: o índio era visto como o "bom selvagem", cujo comportamento era idealizado)
- **Nacionalismo:** proporciona uma "pesquisa histórica", folclórica e linguística e o debate acerca dos problemas nacionais. Assim, há um comprometimento dos escritores com o projeto de construção de uma identidade nacional em nossa literatura.



# GONÇALVES DIAS

*Sobre o autor*

**Gonçalves Dias (Antônio Gonçalves Dias)** foi poeta, professor, crítico de história e etnólogo. Nasceu em Caxias, MA, e faleceu em naufrágio, no Maixio dos Atins, MA. É lembrado como **o grande poeta indianista da Primeira Geração Romântica**. Deu romantismo ao tema **índio** e uma **feição nacional** à sua literatura. É lembrado como um dos melhores poetas líricos da literatura brasileira. É Patrono da cadeira n°. 15 da Academia Brasileira de Letras. **Em 1843 surge a "Canção do exílio", uma das mais conhecidas poesias da língua portuguesa.**

## **Canção do exílio - Gonçalves Dias**

**Minha terra tem** palmeiras

Onde canta o Sabiá,

As aves, que **aqui** gorjeiam,

Não gorjeiam como **lá**.

**Nosso céu tem mais** estrelas,

**Nossas várzeas têm mais** flores,

**Nossos bosques têm mais** vida,

Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,

**Mais prazer encontro eu lá;**

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,

Que tais não encontro eu cá;

Em cismar - sozinho, à noite -

Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá.

**Não permita Deus que eu morra,**

**Sem que eu volte para lá;**

Sem que desfrute os primores

Que não encontro por cá;

Sem qu'inda aviste as palmeiras,

Onde canta o Sabiá.

# Canção do exílio - Gonçalves Dias

**Minha terra tem** palmeiras  
Onde canta o Sabiá,  
As aves, que **aqui** gorjeiam,  
Não gorjeiam como **lá**.

**Nosso céu tem mais** estrelas,  
**Nossas várzeas têm mais** flores,  
**Nossos bosques têm mais** vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
**Mais prazer encontro eu lá;**  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

observe as  
palavras  
destacadas!  
Sempre falam da  
**terra/nação do eu-**  
**lirico de forma**  
**exaltada.**  
O apego a sua terra  
é tanto que gera  
inquietações  
profundas.

**Não permita Deus que eu morra,**  
**Sem que eu volte para lá;**  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.





Observe, no próximo slide, como Alencar escolhe descrever a **NATUREZA**

# JOSÉ DE ALENCAR

*Sobre o autor*

José de Alencar (1829-1877) foi um romancista, dramaturgo, jornalista, advogado e político brasileiro. Foi um dos maiores representantes da **corrente literária indianista** e considerado o principal romancista brasileiro da fase romântica. Destacou-se na carreira literária com a publicação do romance "**O Guarani**", em forma de folhetim, no Diário do Rio de Janeiro, que alcançou enorme sucesso e serviu de inspiração ao músico Carlos Gomes que compôs a ópera O Guarani.

## ***Iracema - José de Alencar***

Era de jurema o bosque sagrado. Em torno corriam os troncos rugosos da árvore de Tupã; dos galhos pendiam ocultos pela rama escura os vasos do sacrifício; lastravam o chão as cinzas de extinto fogo, que servira à festa da última lua.

Antes de penetrar o recôndito sítio, a virgem que conduzia o guerreiro pela mão hesitou, inclinando o ouvido sutil aos suspiros da brisa. Todos os ligeiros rumores da mata tinham uma voz para a selvagem filha do sertão. Nada havia porém de suspeito no intenso respiro da floresta.

Iracema fez ao estrangeiro um gesto de espera e silêncio, e depois desapareceu no mais sombrio do bosque. O Sol ainda pairava suspenso no visor da serrania; e já noite profunda enchia aquela solidão.

Quando a virgem tornou, **trazia numa folha gotas de verde e estranho licor vazadas da igaçaba, que ela tirara do seio da terra.** Apresentou ao guerreiro a taça agreste.

– Bebe!

Martim sentiu perpassar nos olhos o sono da morte; porém logo a luz inundou-lhe os seios d'alma; a força exuberou em seu coração. Reviveu os dias passados melhor do que os tinha vivido: fruiu a realidade de suas mais belas esperanças.

**Ei-lo que volta à terra natal,** abraça sua velha mãe, revê mais lindo e terno o anjo puro dos amores infantis. Mas por que, mal **de volta ao berço da pátria,** o jovem guerreiro de novo abandona o teto paterno e demanda o sertão?

Já atravessa as florestas; já chega aos campos do Ipu. Busca na selva a filha do pajé. Segue o rastro ligeiro da virgem arisca, soltando à brisa com o crebro suspiro o doce nome:

– Iracema! Iracema!..

# ROMANTISMO

## *Segunda geração*

- *A segunda geração romântica no Brasil é o período que corresponde de 1853 a 1869. Denominada "**Ultrarromântica**" ou a **Geração "Mal do Século"**.*
- *No Brasil, tem como marco inicial a publicação da obra *Poesia* (1853), de **Álvares de Azevedo** (1831-1852).*

# ROMANTISMO

## *Segunda geração*

- Nessa fase, a literatura sofreu forte influência do poeta britânico **George Gordon Byron** (1788-1824). Isso porque os escritores absorvem um estilo de vida **boêmio** e **noturno**, além do pessimismo romântico presente na literatura de **Byron**. Por isso, essa geração ficou conhecida também por "**Geração Byroniana**".

# ROMANTISMO



*Segunda geração*

*Principais características*

- *Profundo subjetivismo*
- *Sentimentalismo exacerbado*
- *Pessimismo e melancolia*
- *Egocentrismo e individualismo*
- *Fuga da realidade*
- *Escapismo*



# ROMANTISMO



*Segunda geração*  
*Principais autores*

- ***Maria Firmina dos Reis***
- *Manuel Antônio Álvares de Azevedo*
- *Casimiro José Marques de Abreu*
- *Luís Nicolau Fagundes Varella*



# MARIA FIRMINA DOS REIS

## *Sobre a autora*

**Maria Firmina dos Reis** nasceu em São Luís no dia 11 de março de **1822** e foi uma escritora da época, **considerada a primeira romancista brasileira**. É autora de obras como: "**Úrsula**", seu romance mais conhecido, e "Cantos à beira-mar", um livro de poemas. Firmina assinou seu romance de estreia como "**Uma Maranhense**", com a consciência dos preceitos da invisibilidade feminina na sociedade patriarcal e escravista da época. Por sua condição de mulher negra, **foi apagada durante anos da historiografia literária, apesar de seu trabalho ter sido o pioneiro do romantismo brasileiro**. Maria Firmina apresenta o **negro** em sua dimensão humana e confere a ele uma posição de **sujeito** de discurso, o que pode revelar uma íntima identificação com o negro escravizado.



## *Úrsula - Maria Firmina dos Reis*

Era uma dessas tardes que parecem resumir em si quanto de belo, de luxuriante, e de poético ostenta o firmamento no Equador; era uma dessas tardes que só Bernardin de Saint-Pierre soube pintar no delicioso Paulo e Virgínia, **que deleita a alma, e a transporta a essas regiões aéreas, que só a imaginação compreende, e que divinizando as nossas ideias, nos torna superiores a nós mesmos.**

Era, pois, uma dessas tardes em que o sol no seu descambar para o acaso recebe mil e cambiantes cores, invejadas pela palheta dos Rafaéis, e que se confundem com o sorriso da triste amante, a lua, que ressurgue pálida na orla do horizonte. Os últimos raios de um sol vívido misturavam-se com os raios prateados de uma lua de agosto.

E na ampla solidão dos campos, onde se espelhavam as harmoniosas despedidas do rei do dia e o frouxo brilho da deusa caçadora, mais poética magia difundia no espírito daquele que a essa hora encantadora e melancólica os atravessasse com o coração tranquilo.

Silencioso e ermo estava então o cemitério de Santa Cruz, e só o vento, que silvava entre o arvoredos ao longe, e que mais brando gemia tristemente nessa cidade da morte, é que quebrava a solidão monótona e impotente desse lugar do esquecimento eterno!

Esquecimento! Encontrá-lo-emos acaso? **Essas dores, que nos retalham o coração, serão porventura esquecidas, dormirão acaso no fundo do sepulcro?** Quem sabe?! Quem no-lo poderá afirmar!? Deus. Só Deus o sabe, e os seus arcanos são incompreensíveis. **O morto dorme o sono eterno, e a sua campa é muda como os seus lábios!**

O sepulcro recebe o segredo do morto, e guarda-o, e o não revela!

E o que vive, diz:

**O morto repousa sob a lousa, seu corpo reduz-se a terra, e a paz e o esquecimento das dores humanas, que ele há tanto anelava, lhe oferece a morte.**

Oh! Passam-se os séculos, e ele não volve! É sempre mudo, e frio como a terra, que em borbotões se derramou sobre ele!

# Úrsula - Maria Firmina dos Reis

Era uma dessas tardes que parecem resumir em si quanto de belo, de luxuriante, e de poético ostenta o firmamento no Equador; era uma dessas tardes que só Bernardin de Saint-Pierre soube pintar no delicioso Paulo e Virgínia, **que deleita a alma, e a transporta a essas regiões aéreas, que só a imaginação compreende, e que divinizando as nossas ideias, nos torna superiores a nós mesmos.**

Era, pois, uma dessas tardes que acaso recebe mil e cambiantes cores que se confundem com o sorriso da terra na orla do horizonte. Os últimos raios os raios prateados de uma lua de agosto

E na ampla solidão dos campos despedidas do rei do dia e o frouxo da magia difundia no espírito daquelha melancólica os atravessasse com o coração

Aqui destacamos o profundo subjetivismo e sentimentalismo do narrador, ao descrever a paisagem natural de maneira **contemplativa**. O sentimento é tão **individual** que "deleita a alma" e "que só a imaginação compreende".

descambar para o ta dos Rafaéis, e e ressurgue pálida e misturavam-se com as harmoniosas ora, mais poética encantadora e

Silencioso e ermo estava então o cemitério de Santa Cruz, e só o vento, que silvava entre o arvoredado ao longe, e que mais brando gemia tristemente nessa cidade da morte, é que quebrava a solidão monótona e impotente desse lugar do esquecimento eterno!

Esquecimento! Encontram-se ali as dores, que nos retalham o coração, serão porventura o sepulcro? Quem sabe?! Querem escapar da realidade (escapismo). A morte os seus arcanos são incompreensíveis! Deus. Só Deus o sabe, e a sua campa é muda como os seus

O sepulcro recebe o corpo e guarda-o, e o não revela! E o que vive, diz:

O morto repousa sob a terra, e a paz e o esquecimento das dores humanas que o anelava, lhe oferece a morte.

Oh! Passam-se os séculos, e ele não volve! É sempre mudo, e frio como a terra, que em borbotões se derramou sobre ele!

O cemitério é descrito como um lugar de paz, onde se pode ir para escapar da realidade (pessimismo). A morte é, então, tida como um descanso eterno para as dores do coração (melancolia).

# ÁLVARES DE AZEVEDO

## *Sobre o autor*

**Manoel Antônio Álvares de Azevedo** nasceu em São Paulo no dia 12 de setembro de 1831 e foi um escritor da segunda geração romântica (*Ultrarromântica*, *Byroniana* ou *Mal-do-século*), contista, dramaturgo, poeta e ensaísta brasileiro, também conhecido por ser o autor de *Noite na Taverna*. É evidente a explicitação de Álvares de Azevedo na postura **consciente do fazer poético**, afinal em seus prefácios há um alto **grau de conhecimento quanto à proposta ultrarromântica**, a qual exhibe um certo **metarromantismo** marcado pelo **senso crítico**. É, provavelmente, o primeiro a incorporar o **cotidiano** na poesia no Brasil, com o poema *Ideias íntimas*, da segunda parte da *Lira*. O autor de *Lira dos Vinte Anos* estabelece valores e critérios a sua obra.

# ROMANTISMO

*Pálida à luz da lâmpada sombria - Álvares de Azevedo*

Pálida à luz da lâmpada sombria,  
Sobre o leito de flores reclinada,  
Como a lua por noite embalsamada,  
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria  
Pela maré das águas embalada!  
Era um anjo entre nuvens d'alvorada  
Que em sonhos se banhava e se  
esquecia!

Era a mais bela! Seio  
palpitando...  
Negros olhos as pálpebras  
abrindo...  
Formas nuas no leito  
resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo  
lindo!  
Por ti - as noites eu velei  
chorando,  
Por ti - nos sonhos morrerei  
sorrindo!

# ROMANTISMO

*Pálida à luz da lâmpada sombria*

Pálida à luz da lâmpada sombria,  
Sobre o leito de flores reclinada,  
Como a lua por noite embalsamada,  
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria  
Pela maré das águas embalada!

Era um anjo entre nuvens d'alvorada  
Que em sonhos se banhava e se  
esquecia!

Aqui destacamos a  
fuga da realidade e  
o escapismo  
presentes em obras  
da segunda geração  
do romantismo, onde  
o eu-lírico cria  
outra realidade para  
escapar da sua.

Era  
palp  
Negr  
abri  
Forma  
resva  
Não  
lindo  
Por t  
chorando,  
Por ti - nos sonhos morrerei  
sorrindo!

# ROMANTISMO

*Pálida à luz da lâmpada sombria - Álvares de Azevedo*

Pálida à luz da lâmpada sombria,  
Sobre o leito de flores reclinada,  
Como a lua por noite embalsamada,  
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria  
Pela maré das águas embalada!  
Era um anjo entre nuvens d'alvorada  
Que em sonhos se banhava e se  
esquecia!

Era a mais bela! Seio  
palpitando...

Negro...pebras  
abrin...  
Forma...leito  
resva...

Não t... anjo  
lindo!...  
Por t...velei  
choranc...  
Por ti...rerei  
sorrindo!

Aqui destacamos  
o  
sentimentalismo  
exacerbado do  
romantismo.



# ROMANTISMO

*Pálida à luz da lua, cada sombria - Álvares de Azevedo*

Pálida à luz da lua,  
Sob o luar da noite,  
Como um anjo,  
Entrando em minha vida!  
Era a mais bela!  
Pela sua beleza,  
Era tu o meu anjo,  
Que me fazes esquecer  
esquecer-me de mim!

**Aqui destacamos o  
pessimismo e a  
melancolia  
romântica.**

Era a mais bela! Seio  
palpitando...  
Negros olhos as pálpebras  
abrindo...  
Formas nuas no leito  
resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo  
lindo!  
Por ti - as noites eu veei  
chorando,  
Por ti - nos sonhos morrerei  
sorrindo!

# ROMANTISMO

## *Terceira geração*

- A Terceira Geração Romântica no Brasil é o período que corresponde de 1870 a 1880. Conhecida como "**Geração Condoreira**", pois esteve marcada pela **liberdade e uma visão mais ampla**, características da ave que habita a Cordilheira dos Andes: **Condor**.
- Nesse período, a literatura sofre forte influência do escritor francês Victor-Marie Hugo (1802-1885) recebendo o nome de "**Geração Hugoniana**".

# ROMANTISMO

## *Terceira geração*

- *Importante notar que nessa fase, a busca pela **identidade nacional** ainda continua, não só focada nas etnias europeia e indígena, mas também na **identidade negra do país**. Por esse motivo, o tema do **abolicionismo** foi bastante explorado pelos escritores, com destaque para Castro Alves, que ficou conhecido como o "**poeta dos escravos**".*

# ROMANTISMO



*Terceira geração*  
*Principais características*

- *Erotismo*
- *Pecado*
- *Liberdade*
- *Abolicionismo*
- *Realidade social*
- *Negação do amor platônico*

# ROMANTISMO



*Terceira geração*  
*Principais autores*

- *Antônio Frederico de Castro Alves*
- *Joaquim de Sousa Andrade*
- *Tobias Barreto de Meneses*



# CASTRO ALVES

*Sobre o autor*

Castro Alves (1847-1871) nasceu em Muritiba, BA, e faleceu em Salvador, BA. Foi um poeta brasileiro, **representante da Terceira Geração Romântica** no Brasil. O **Poeta dos Escravos** expressou em suas poesias a indignação aos graves problemas sociais de seu tempo. É patrono da cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras.

# ROMANTISMO

*A canção do africano - Castro Alves*

Lá na úmida senzala,  
Sentado na estreita sala,  
Junto ao braseiro, no chão,  
Entoa o escravo o seu canto,  
E ao cantar correm-lhe em pranto  
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava  
Os olhos no filho crava,  
Que tem no colo a embalar...  
E à meia voz lá responde  
Ao canto, e o filhinho esconde,  
Talvez pra não o escutar! (...)

O escravo então foi deitar-  
se,  
Pois tinha de levantar-se  
Bem antes do sol nascer,  
E se tardasse, coitado,  
Teria de ser surrado,  
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada  
Deita seu filho, calada,  
E põe-se triste a beijá-lo,  
Talvez temendo que o dono  
Não viesse, em meio do sono,  
De seus braços arrancá-lo!

# ROMANTISMO

*A canção do africano - Castro Alves*

Lá na úmida senzala,  
Sentado na estreita sala,  
Junto ao braseiro, no chão,  
Entoa o escravo o seu canto,  
E ao cantar correm-lhe em pranto  
Saudades da terra e do torrão...

O escravo então foi  
decravoitar-se,  
Pois tinha de levantar-se  
Bem antes do sol nascer,  
E se tardasse, coitado,  
Teria de ser surrado,  
Pois bastava escravo ser.

Aqui destacamos a  
forma como o  
negro e o escravo  
estão presentes  
em produções da  
terceira geração  
romântica.

... negra escrava  
... no crava,  
... a embalar...  
... responde  
... lhinho esconde,  
... não o escutar! (...)

E a cativa desgraçada  
Deita seu filho, calada,  
E põe-se triste a beijá-lo,  
Talvez temendo que o dono  
Não viesse, em meio do sono,  
De seus braços arrancá-lo!



# REALISMO

## *Contexto histórico*

- *Oficialmente, o Realismo teve início na França com a publicação do romance "Madame Bovary", de Gustave Flaubert, em 1857. No Brasil, o movimento é iniciado por Machado de Assis e é influenciado pelas correntes dominantes na segunda metade do século XIX: Evolucionismo, Sociologia, Positivismo, Psicologia, Determinismo, etc.*
- *É importante reconhecer que não há uma ruptura entre o Romantismo e o Realismo, mas uma passagem e aprofundamento de pesquisa. Ambos pretendem tratar do real, mas no Romantismo a realidade é apresentada de maneira idealizada, enquanto o Realismo se preocupa em retratar a realidade "tal como ela é".*

# REALISMO

## *Características*

- Escrita ágil e direta
- Linguagem clara, objetiva e documental (dispensa metáforas)
- Narrativa que se preocupa com a coerência dos detalhes (verossimilhança)
- O narrador faz uma análise psicológica dos personagens e não esconde os aspectos negativos da personalidade humana
- Os temas mais frequentes são: família, religião/igreja e monarquia

# MACHADO DE ASSIS

## *Sobre o autor*

Joaquim Maria Machado de Assis foi **precursor do realismo brasileiro e fundador e presidente da Academia Brasileira de Letras**. Publicou mais de 200 contos, 10 romances e demais publicações de diversos gêneros, como folhetins, peças teatrais, contos e crônicas, tornando-se grande referência como cronista de sua época. O autor presenciou acontecimentos históricos, como a abolição da escravidão e a passagem do Brasil Império para Brasil República. Sua carreira foi marcada por grandes feitos, sendo suas crônicas um deles. **Machado falava muito sobre a sociedade local da época, tendo mais de 40 anos de observação e crítica da sociedade**, o que resultou na produção de um total de mais de 600 crônicas. Ainda em vida conseguiu ascender socialmente, tendo em vista que era nascido de família humilde. Tornou-se um homem muito respeitado, ocupando diversos cargos públicos.



# A CAUSA SECRETA

*Machado de Assis*



Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. **Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura.** No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado.

– Mate-o logo! disse-lhe.

– Já vai.

**E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável estorcia-se, guinchando, ensanguentado, chamuscado, e não acabava de morrer.** Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o suplício continuasse, mas não chegou a fazê-lo, porque **o diabo do homem impunha medo, com toda aquela serenidade radiosa da fisionomia.** Faltava cortar a última pata; **Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida.**

Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem. **Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética.** Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato havia-o inteiramente esquecido. Isto posto, não estaria fingindo, e devia ser aquilo mesmo. A chama ia morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um resíduo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o para cortar-lhe o focinho e pela última vez chegar a carne ao fogo. Afinal deixou cair o cadáver no prato, e arredou de si toda essa mistura de chamusco e sangue.

Ao levantar-se deu com o médico e teve um sobressalto. Então, mostrou-se enraivecido contra o animal, que lhe comera o papel; mas a cólera evidentemente era fingida.

"Castiga sem raiva", pensou o médico, **"pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem"**.

Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. **Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura.** No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas. Quando chegou à terceira, até a chama, rápido, para não matá-lo, e depois voltou a cortar, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia disse-lhe:

– Mate-o logo! disse-lhe.

– Já vai.

**E com um sorriso único, reflexo de prazer, traduzia a delícia íntima das sensações suaves que lhe fazia sentir a pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo gesto. O miserável estorcia-se, guinchando, ensanguentado, e parecia morrer.** Garcia desviou os olhos, depois voltou a olhar para o rato, para impedir que o suplício continuasse, mas Fortunato, o diabo do homem impunha medo, com toda aquela calma e aquela Faltava cortar a última pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida.

Aqui destacamos a forma como a cena é narrada, de maneira objetiva, mas ao mesmo tempo detalhista. O narrador focaliza nos movimentos do homem que mata lentamente o rato e nos detalhes de suas expressões faciais para construir o retrato de sua personalidade.

Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem. **Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação física.** Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato não estaria fingindo, morrendo, o rato podia ser a sombra de sombra; Fortunato e pela última vez chegou a colocar o cadáver no prato, e arrastou o sangue.

Ao levantar-se deu um sobressalto. Então, mostrou-se enraivecida e cometeu o crime; mas a cólera evidentemente e ele comera o papel; mas

"Castiga sem raiva", pensou o médico, **"pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem"**.

O narrador faz uma análise psicológica do personagem Fortunato e revela o terrível segredo de sua personalidade: o sadismo.



# NATURALISMO

## *Contexto histórico*

- O **Naturalismo dá prosseguimento ao Realismo**, é uma peculiaridade e um acréscimo do anterior. **No Brasil, os dois movimentos surgem no mesmo ano, em 1881, com a publicação de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" e "O mulato"**.
- O naturalista adota uma **perspectiva científica** para buscar mais objetividade, com embasamento nas ciências da natureza que fervilhavam no século XIX.

# NATURALISMO

## *Características*

- *O Naturalismo busca reproduzir a linguagem das ciências naturais*
- *O narrador é uma voz registradora, de neutralidade e distância*
- *A linguagem é mais objetiva que no Realismo*
- *Busca analisar as personalidades humanas como organismos biológicos*
- *Descrição cientificista*



# ALUÍSIO AZEVEDO

## *Sobre o autor*

**Aluísio Azevedo foi o principal representante do naturalismo brasileiro** e, além de escritor, foi também caricaturista, jornalista e diplomata. Da infância à adolescência, Aluísio estudou em São Luís e trabalhou como caixeiro e guarda-livros. Desde cedo revelou grande interesse pelo desenho e pela pintura, o que certamente o auxiliou na aquisição da técnica que empregou ao caracterizar os personagens de seus romances. Ajudou a lançar e colaborou com o jornal anticlerical *O Pensador*, que **defendia a abolição da escravatura**, enquanto os padres mostravam-se contrários a ela. Em 1881, Aluísio lançou *O mulato*, romance que causou escândalo entre a sociedade maranhense pela crua linguagem naturalista e pelo assunto tratado: **o preconceito racial**. O romance teve grande sucesso, foi bem recebido na Corte como exemplo deste movimento literário.

# O CORTIÇO

*Aluísio Azevedo*



Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.

**Um homem alto, com ar de estróina,** adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel. **João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente.** Um silêncio formou-se em torno dele; os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.

- Está aqui com efeito... disse afinal o negociante. Pensei que fosse livre...

- É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?...

- Mas imediatamente.

- Onde está ela?

- Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...

O sujeito fez sinal aos dois urbanos, que o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para o interior da casa. Botelho, à frente deles, ensinava-lhes o caminho. **João Romão ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas.**

**Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha.** Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, **estava de cócoras no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.**

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: **adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativoiro.**

Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

- É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. - Prendam-na! É escrava minha!

**A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.** Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. **Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcança-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.**

E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue. João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos. Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito. Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.

Um homem alto, com ar de estróina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel. João Romão, um pouco trêmulo, abriu-o defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio se fez; os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados. Entrava a polícia.

- Está aqui com efeito o negociante. Pensei que fosse livre...

- É minha escrava, afirmou o negociante. Pensei em comprar-lhe uma escrava?...

- Mas imediatamente.

- Onde está ela?

- Deve estar lá dentro, respondeu o negociante. Não se preocupe com isso. Já vou buscar...

O sujeito fez sinal para os caixeiros e estes o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para a cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro, com as mãos cruzadas nas costas.

Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

O narrador se distancia dos personagens e registra objetivamente a sequência de suas ações. As descrições são breves e buscam documentar apenas o que há de essencial para o entendimento da cena.





# #SaibaMais

*A partir do século XIX, pense sobre:*

## **- Escravidão** **Algumas** **indicações:**

- "Navio negreiro", de Castro Alves, cantado por Caetano Veloso.
- "Pai contra mãe", conto de Machado de Assis

## **- Amor não** **romântico** **Algumas** **indicações:**

- "Namoro a cavalo", poema de Álvares de Azevedo
- "Missa do galo", conto de Machado de Assis